



"Ergo illam????????????, in qua homines nobiles illi quidem sed nullo modo philologi nimis acute loquuntur, ad Varronem transferamus." (XIII, 12,3)

"Portanto, transfiramos para Varrão aquela Acadêmica, na qual aqueles homens, nobres sem dúvida, mas de forma alguma filólogos, falam de modo por demais contundente."

Cícero distingue nobreza e cultura; os homens são nobres, mas não têm o refinamento intelectual requerido pelo ambiente acadêmico - não são filólogos, que é denunciado pelo modo de falar. O mesmo conteúdo semântico têm as ocorrências do termo em Ad Familiares, XVI, 21, 4 e Ad Atticum, 11,17.

Foram inventariadas 56 ocorrências em autores gregos e latinos, sobretudo em Estrabão (séc. I a.C. - I d.C.), Arriano (séc. II d.C.), Ateneu (séc. II-III d.C.), Longinus (213-273 d.C.), Plutarco (42-126), Stobeu (450-500 d.C.), além dos já citados. O nosso vocábulo é usado com o significado de "amigo do estudo ou do conhecimento", "amante da leitura" e, algumas vezes, "amigo da palavra falada", como em Plutarco, *Vidas Paralelas*, 22, 1-2. Quase sempre, porém, o termo está relacionado com homens de letras e autores de qualquer tipo de obra escrita. Encontra-se também "filologia" e mais raramente "filologar" (como em Arriano - *Dissertationes Epitecti*, III, 10, 10-11; Ateneu - *Os Deipnosofistas*, 160e-f), no sentido de "dissertar com erudição".

Gaius Suetonius Tranquillus, historiador romano do tempo dos imperadores Trajano e Adriano (séc. I-II d.C.), em *De Grammaticis et Rhetoribus*, parte da obra *De Viris Illustribus*, nos explica o que se entendia por "filólogo" em sua época: tendo apresentado Lucius Ateius Praetextatus como nascido em Atenas, prisioneiro de guerra em 86 a.C. e como tal levado a Roma, auxiliar de Salústio na montagem de *Breviarium Rerum Romanarum*, por fim acrescenta: "...Philologus ab semet nominatus." O motivo dessa autodenominação está explicado numa carta que Ateius Praetextatus escreveu a seu amigo Lélío Herma:

"...scripsit se in Graecis litteris magnum processum habere et in Latinis nonnullum."

"...escreveu ter conseguido grande avanço nas letras gregas e algum progresso nas latinas."

Em seguida, Suetônio esclarece:

"Philologi adpellationem adsumpsisse videtur quia, sic ut Eratosthenes qui primus hoc cognomen sibi vindicavit, multiplici variaque doctrina censebatur. Quod sane ex commentariis eius adparet, quamquam paucissimi exstent: de quorum tamen copia sic altera ad eundem Hermam epistula significat: 'Hylen nostram memento commendare, quam omnis generis coegimus, uti scis octingentos libros!' ." (De Gram. et Rhet., 5-10)

"Parece ter tomado a denominação de Filólogo porque, como Eratóstenes que por primeiro reivindicou para si próprio esse cognome, era considerado por seu múltiplo e variado conhecimento. Isso se depreende claramente de seus comentários, embora restem pouquíssimos: a respeito do volume deles uma outra carta ao mesmo Herma acentua: 'Lembra-te de recomendar a nossa Floresta, na qual reunimos, como sabes, oitocentos livros de todos os gêneros'."

Eratóstenes (275-194 a.C.), de quem fala Suetônio, era de Cirene na Líbia, norte da África; foi discípulo de Calímaco (séc. III a.C.) e de Lisânias, também tutor real a convite de Ptolemeu, o Euergetes, e depois chefe da famosa Biblioteca de Alexandria, sucedendo a Apolônio Rhodius. É considerado o sábio mais versátil de seu tempo. Os especialistas alexandrinos contemporâneos chamavam-no ?????, isto é, muito próximo do máximo, e também o denominavam ?????????, isto é, aquele que se distingue em todos os gêneros ao mesmo tempo. Esse expoente da humanidade considerava que "filólogo" era o adjetivo que melhor o caracterizava, no que foi seguido por Ateius Praetextatus.

Considerando-se que, a julgar pelos poucos fragmentos de que dispomos, o melhor da obra de Eratóstenes versa sobre geografia, não é correto restringir o campo do filólogo romano ou grego à literatura ou às artes. Eratóstenes e Ateius são sábios, que dispunham de amplos conhecimentos sobre "todos os gêneros", isto é, todos os ramos da ciência, obviamente incluindo gramática e problemas de linguagem. Nesse contexto, "filólogo" tem um conteúdo semântico bem específico.

Entretanto, outros textos mostram que persiste a ausência de univocidade do termo, embora as discrepâncias semânticas não sejam tão aberrantes. Considere-se o seguinte texto de Lucius Annaeus Seneca (4 a.C./ 1 d.C. - 65), em que se esclarecem as especialidades do filósofo, do filólogo e do gramático:

"Cum Ciceronis librum de re p. prendit hinc philologus aliquis, hinc grammaticus, hinc philosophiae deditus, alius alio curam suam mittit. Philosophus admiratur contra iustitiam dici tam multa potuisse. Cum ad hanc eandem lectionem philologus accessit hoc subnotat: duos Romanos reges esse quorum alter patrem non habet, alter matrem. Nam de Serui matre dubitatur: Anci pater nullus, Numae nepos dicitur.

Praeterea notat eum quem nos dictatorem dicimus et in historiis ita nominari legimus, apud antiquos magistrum populi vocatum. Hodieque id exstat in auguralibus libris et testimoniis est, quod qui ab illo nominatur magister equitum est. Aequae notat Romulus perisse solis defectione; provocationem ad populum etiam a regibus fuisse: id ita in pontificalibus et aliqui sunt argui qui putant et Fenestella. Eisdem libris cum grammaticus explicuit, primum verba expse-reapse dici a Cicerone, id est ré ipsa, in commentarium refert, nec minus sepse, id est, se ipse. Deinde transit ad ea quae consuetudo saeculi mutavit, tamquam ait Cicero: 'Quoniam sumus ab ipsa calce eius interpellatione revocati.' Hanc quam nunc in circo cretam vocamus calce antiqui dicebant. Deinde Ennianus colligit uersos et in primis illos de Africano scriptos (...) Ennius hoc ait Homero se subripuisse, Ennio Virgilium." (Cartas, Lv. XVIII, 30ss.)

"Quando pega o livro de Cícero De Republica um certo filólogo aqui, um tal gramático ali, acolá alguém dado à filosofia, cada um revela ao outro sua preocupação. O filósofo se admira de que se tivesse podido afirmar tantas coisas contra a justiça. Quando o filólogo chega a esse mesmo ponto observa o seguinte: Há dois reis romanos, um dos quais não tem pai e o outro não tem mãe.



em maior quantidade."

É a notória loquacidade de muitos quando se embriagam, conforme sugere também o contexto; não parece aceitável a tradução "amides lettres" que lhe dá a edição Belles Lettres, a não ser em sentido jocoso ou pejorativo. Sob esse aspecto, um interessante jogo de palavra de Zenão nos foi legado por Stobeu (séc. V d.C.) em Florilégio, 36,26:

??  
 ??????????."

"Zenão dizia dos alunos que uns eram filólogos, mas outros, logófilos."

Ao filólogo interessa a comunicação, o conteúdo significativo e enriquecedor da mensagem, enquanto para o logófilo palavras são palavras apenas. Evidente é o sentido pejorativo de logófilo, como o é também, de modo geral, ?????????? ("verborrágico"); ambos, porém, nunca foram atribuídos a um verdadeiro filólogo.

Não se consegue, porém, chegar à univocidade; a partir do significado etimológico de "amigo da palavra", "amante do falar", seu campo semântico se amplia bastante, passando a abranger tudo o que se refere ao ato da comunicação pela linguagem sob qualquer de suas formas. Nessa acepção abrangente se acomodam todas as variantes semânticas, até a atribuição do qualificativo aos sábios "de múltipla e variada doutrina", na expressão de Suetônio, para os quais a língua é mais um meio do que o objeto de estudo - o que é próprio do gramático. Entretanto, pode o filólogo tomar a linguagem como objeto de suas atenções sem extrapolar, embora isso não tenha acontecido com freqüência. Assim, há quem diga que Sinésio de Cirene (370-413 d.C.) teria entendido filologia como pesquisa de palavras; contudo, a passagem em que tal afirmação se baseia parece, no mínimo, bastante vaga:

??  
 ???  
 ???

"E o filósofo entre nós se encontrará consigo mesmo e com Deus através da filosofia; encontrar-se-á com os homens através das forças subjacentes à palavra. terá pois conhecimentos como filólogo; e, como filósofo, julgará tanto as parte como o todo."

Sinésio distingue dois aspectos do cristão culto, o filósofo e o filólogo; este sabe usar a força das palavras na comunicação com os homens, mas isso não significa que faça pesquisas específicas sobre as palavras; semanticamente, nesse tópico "filólogo" significa "sábio" como Eratóstenes e Ateius, mas de nenhum modo algo parecido com pesquisador de etimologias.

O citado texto de Sêneca mostra claramente que os antigos distinguiam o filólogo do gramático. Em De Grammaticis et Rhetoribus, Suetônio discorre sobre vinte "grammatici" e dezesseis "rhetores"; dos vinte gramáticos, apenas um se considera igualmente filólogo, Lucius Ateius. A respeito da introdução dos estudos de gramática em Roma, afirma Suetônio nessa obra:

"Primus igitur, quantum opinamur, studium grammaticae in urbem intulit Crates Mallotes, Aristarchi aequalis, qui missus ad senatum ab Attalo rege inter secundum et tertium Punicum bellum sub ipsam Ennii mortem, cum regione Palatii prolapsus in cloacae foramen crus fregisset per omne legationis simul et valetudinis tempus, plurimas fecit adsidueque disseruit ac nostris exemplum fuit ad imitandum." (2, 1-3)

"Portanto, o primeiro, ao que sabemos, a introduzir o interesse pela gramática na Cidade foi Crates de Malos, contemporâneo de Aristarco, que enviado ao senado pelo rei Atalo entre a segunda e a terceira guerra púnica, perto da própria morte de Enio; tendo caído numa abertura do esgoto na região do Palácio e quebrado a perna, durante todo o tempo da legação e da convalescença, procedeu freqüentemente a leituras públicas e dissertou com freqüência, dando aos nossos um exemplo a ser imitado."

A visita de Crates a Roma foi em 168 a.C.; ele foi o primeiro diretor da biblioteca de Pérgamo e escreveu sobre Homero, Hesíodo, Eurípedes e Aristófanos, entre outros, sob uma perspectiva filosófica e conservadora. Não era, portanto, um simples gramático, isto é, alguém que só se preocupava com problemas especificamente de língua, segundo a caracterização de Sêneca. A dificuldade consiste em precisar o conteúdo semântico de "Gramática". Ainda no De Grammaticis et Rhetoribus, 4,2, Suetônio informa:

"Appellatio grammaticorum Graeca consuetudine invaluit sed initio litterati vocabantur."

"A denominação de gramáticos prevaleceu por influência grega; no começo, porém, eram chamados literatos."

Esse texto confirma a sabida influência grega sobre a cultura latina e nos ajuda a recompor a terminologia do ponto de vista histórico, já que semanticamente se fica na mesma: ?????????????????????? é littera em latim. Suetônio fornece outros esclarecimentos:

"Cornelius quoque Nepos libello quo distinguit litteratum ab erudito, 'litteratos vulgo quidem appellari' ait 'eos qui aliquid diligenter et acute scienterque possint aut dicere aut scribere', ceterum proprie sic appellandos poetarum interpretes, qui a Graecis grammatici nominentur." (Ib., 4, 2-3)

"Também Cornélio Nepos, no livrinho em que distingue literato de erudito, afirma que comumente são chamados literatos os que são capazes de dizer ou escrever algo de modo especial, com profundidade e conhecimento de causa, aliás devendo ser assim chamados propriamente de intérpretes dos poetas, aqueles que seriam denominados gramáticos pelos gregos."

Note-se nesse texto de Suetônio a caracterização do literato, que deve saber expressar-se muito bem e de modo artístico, sendo realmente estudioso e intérprete dos poetas. Por outro lado, destaque-se a expressão "...possint dicere aut scribere"; dá-se à expressão oral a mesma importância que à escrita, de modo que um literato não precisava necessariamente ser um escritor.

Havia ainda outras graduações nessa mesma linha, fornecidas por Suetônio no mesmo capítulo (4,4-5):

"Sunt qui litteratum a litteratore distinguant, ut Graeci grammaticum a grammata, et illum quidem absolute hunc mediocriter doctum existiment."

"Há os que distinguem literato de literator, como os gregos distinguem gramático de gramatista; àquele consideram douto de modo absoluto e a este apenas medianamente douto."

Fazia-se, portanto, distinção entre "erudito", "literato" e "literator" entre os romanos, e entre "gramático" e "gramatista" entre os gregos; há também freqüentes oposições entre "filósofo" e "filólogo". Segundo Suetônio esses qualificativos eram atribuídos conforme o grau de conhecimento do agraciado, embora os limites fossem bastante fluidos. Ao que se sabe, não houve contestação quando Eratóstenese Ateiusse autodenominaram filólogos. Plotino (205-269/70 d.C.), porém, contestou a qualificação de "filósofo" a Cassius Longinus (213-273 d.C.). Segundo o relato de Porfírio (232/3-305 d.C.), em ?????????????????????? ("Sobre a Vida de Plotino"), nas quais se liam textos, logo em seguida comentados pelo mestre. Quando da leitura de Cassius Longinus, Porfírio conta:

??

??

????????????????????????????

"Tendo-se lido para ele Sobre os Princípios e O Amante de Antigüidades de Longino, diz ele: "Longino é filólogo, mas filósofo de modo algum."

O motivo de Plotino atribuir a Longino o qualificativo de "filólogo" e não de "filósofo" é que Longino, ao falar de Platão, se atém de preferência aos aspectos estilísticos. A informação é dada por Proclus (410/12-485) nos Comentários a Timeu (de Platão), onde afirma que Longino destaca a preocupação de Platão "em enfeitar e diversificar sua linguagem, referindo-se às mesmas coisas uma vez de um modo e outra, de outro. De fato, chamou a façanha, de velha ????????????, o texto, de antigo ??????????? e o homem, de não-novo (??????????)". São três expressões sinônimas, certamente buscadas por Platão, que dão ao texto um valor artístico sem diminuí-lo a qualquer título em seu conteúdo filosófico. mas Orígenes, Aristóxenes, Jámblico e Proclo não concordam com esse modo de analisar Platão; Proclo declara que a única maneira digna de explicar o pensamento de Platão é a filosófica

???-

" e não o multiforme emprego de termos".

Este episódio mostra que os especialistas sabiam delimitar com bastante precisão os diversos campos do conhecimento e não admitiam intromissões Cassius Longinus faz análise literária de Platão e por isso é filólogo e não filósofo, já que não discute suas idéias. Por outro lado, Eunapius (345-420 d.C.), em Vita Sophistarum, chama Longinus "biblioteca viva e museu ambulante", o que o torna um erudito, em filólogo como Eratóstenes e Ateius. Contudo, os comentários literários que levaram Plotino a qualificar Cassius Longinus de "filólogo" pertence à seara própria do gramático grego ou do literato latino, segundo Suetônio. Pelo que se conhece de Cassius Longinus, pode-se dizer que o filólogo desse período é também, ou pode ser, analista e crítico literário, ramo que faz parte do universo cultural do "sábio" ou do "erudito" segundo os padrões da época. Em nenhum dos autores pesquisados encontrou-se qualquer referência à pesquisa etimológica, semântica ou formal do léxico como atividade característica ou própria do filólogo, que eventualmente pode exercê-la.

Quando o cristianismo se impõe, começa a rarear a ocorrência do termo. Não é encontrado em Santo Agostinho (354 a 430), ou em Anicius Manlius Severinus Boethius (480-583), nem um Izidoro de Sevilha (602-634), cujas Etymologiae, quase enciclopédicas, não fazem qualquer menção a filólogo ou à filosofia. Desse período, destaca-se apenas Martianus Capella com De Nuptiis Mercurii et Philologiae, da primeira metade do século V: A Filologia, cercada ancilarmente pelas sete artes, sobe ao céu para se casar com Mercúrio, o deus da eloquência. Capella é apenas um compilador; na segunda parte trata superficialmente das sete artes. Filologia em Capella deve ser entendida no sentido grego, de conhecimentos vastos e múltiplos, com inclusão das artes em geral e da literatura em particular.

Tudo indica, pois, que o termo "filólogo" deixou de ser corrente a partir do século VI no Ocidente. A nova mentalidade cristã levou os estudiosos a outra visão do mundo, a outra mentalidade dominada sobretudo por problemas religiosos; tentava-se suprimir tudo o que não se pudesse cristianizar. Também a cultura greco-latina passou por esse crivo; textos clássicos eram copiados por necessidade didática, servindo de modelo estilístico no aprendizado do latim, e isso para um número relativamente pequeno de afeccionados, sobretudo da classe alta. O próprio clero desconhecia o latim, tanto que o papa Zacarias (741-752) se viu obrigado a reconhecer como válido batismo administrado com a fórmula: "In nomine de Patria, et Filia et Spiritua Sancta."

A tentativa de Carlos Magno (768-814) de reverter essa situação não produziu os resultados esperados, como também a reforma de Cluny, no século XI. Enquanto uma restrita intelectualidade ainda se dedicava ao latim, a língua e a literatura gregas eram praticamente esquecidas em toda a Europa. Apenas com os primeiros movimentos do renascimento, voltam a ser estudadas; assim em 1396, Emmanuel Chrysolora vem de Constantinopla a Florença como professor de grego, depois de um hiato de 700 anos.

Nos séc. XV e XVI, surgem renomados humanistas e a filologia é retomada com a pesquisa "real" dos antigos, buscando uma explicação compreensiva dos textos. Nessa perspectiva, é preciso citar especialmente a trilogia formada por José Justo Escalígero (1540-1653), Cláudio de Saumaise (1588-1653) e Isaac Casaubon (1559-1614). Ligado a esses três e, de certa forma, seu guia, Júlio César Escalígero (1484-1558), exerceu grande influência tanto pela disputa mantida com Erasmo de Roterdã (1467-1536) como por suas edições das obras de Teofrasto e de Aristóteles, a publicação dos seus Poetics Libri VII (1561), de teoria literária, e



Friedrich Diez (Giessen, 1794 - Bonn, 1876), formado segundo os princípios do romantismo alemão, aplicou às línguas românicas o método histórico-comparativo que Franz Bopp usara no estudo das línguas indo-européias e Jacob Grimm no das línguas germânicas. Diez começou estudando obras castelhanas antigas, resultando *Altspanische Romanzen*, de 1818; passou depois ao provençal, a conselho de Goethe, a quem fizera a visita quase obrigatória a todos que tivessem alguma pretensão acadêmica; segundo indicação de Goethe, começou pela leitura das obras de Raynouard. Resultaram desse estudo *Die Poesie der Troubadours* ("A Poesia dos Trovadores"), em 1826; *Leben und Werke der Troubadours. Ein Beitrag zur näheren Kenntnis des Mittelalters* ("Vida e Obras dos Trovadores. Uma Contribuição para um Conhecimento mais próximo da Idade Média"), de 1829. Do provençal e do castelhano, Diez passou a estudar outras línguas românicas e, entre 1836 e 1843, publicou sua *Grammatik der romanischen Sprachen* ("Gramática das Línguas Românicas"), em três volumes; e em 1854, *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen* ("Dicionário Etimológico das Línguas Românicas"). Logo na primeira página de sua Gramática, Diez faz derivar diretamente do latim vulgar as seis línguas românicas, que ele havia considerado como tais entre todas as variedades estudadas. O ponto de partida das línguas românicas é a língua falada pelos romanos, não a forma escrita, literária, diferentemente do que pensaram Dante Alighieri e Raynouard. Por isso F. Diez é considerado o pai da Filologia Românica.

As lacunas da obra de Diez, compreensíveis em um pioneiro, foram eliminadas por Wilhelm Meyer-Lübke (1861-1936). Com sua *Grammatik der romanischen Sprachen* (Leipzig, 1890/92), título idêntico ao da gramática românica de Diez, amplia consideravelmente o campo românico, pois estuda e inclui todas as línguas e dialetos. Concebida dentro dos princípios dos neogramáticos, essa Gramática ainda hoje representa a mais segura codificação da romanística, embora superada em alguns aspectos, sobretudo fonéticos. Seu *Romanisches Etymologisches Wörterbuch* ("Dicionário Etimológico Românico"), publicado entre 1911 e 1920, embora não contenha ainda todo o vocabulário românico, continua fundamental para a romanística; completa e supera o de Diez e o *Lateinisch-romanisches Wörterbuch* de G. Körting (1845-1913). Apesar de sua formação neogramática, perceptível também em outras obras como a sua *Italienische Grammatik* ("Gramática Italiana") de 1890 e *Einführung in das Studium der Romanischen Sprachwissenschaft* ("Introdução ao Estudo da Lingüística Românica"), Meyer-Lübke soube avaliar e aceitar as contribuições de correntes novas, como a Geografia Lingüística e *Wörter und Sachen* ("Palavras e Coisas"), da qual foi um dos fundadores.

No âmbito da dialetologia românica, destaca-se Graziadio Isaia Ascoli (1829-1907), com *Saggi Ladini* ("Ensaio Ladinos") (1873), mostrando que o rético, mesmo fragmentado dialetalmente, constitui de fato uma língua e não apenas *Ebenbürtige Schwestern* ("irmãs gêmeas") segundo definição de Diez. Ascoli soube aplicar adequadamente os princípios da Geografia Lingüística em suas pesquisas sobre os dialetos italianos, tanto que a obra delas resultante é considerada modelar.

Na história dos estudos da linguagem, a contribuição da Geografia Lingüística foi importante especialmente depois que J. Gilliéron (1854-1926) lhe deu fundamentação científica mais sólida. Aplicando os princípios da Geografia Lingüística, o filólogo Matteo Bartoli (1873-1946) chegou à por ele denominada Neolingüística, depois rebatizada Lingüística Espacial; os princípios teóricos dessa corrente foram elaborados por Guilio Bertoni (1878- 1941) sobre a fundamentação idealista de Benedetto Croce e Karl Vossler. De início, Bartoli era ligado aos neogramáticos, principalmente a Meyer-Lübke; como romanista, recolheu tudo o que pôde da boca do último falante do dialeto dalmático, o veglioto, o que representa hoje a fonte disponível mais importante dessa língua românica morta. Bartoli pesquisou os estratos lingüísticos da antiga Dalmácia e da península da Ístria, particularmente da toponímia; daí surgiu a necessidade da criação do termo "substrato" para designar os vestígios deixados pela língua de um povo que desaparece na língua de outro que se lhe sobrepôs. Esse conceito se revelou fecundo em suas aplicações.

No campo românico, surgiu também a onomasiologia, que estuda "como um objeto ou um conceito é expresso dentro de um domínio lingüístico determinado", abrangendo os campos da lexicologia, da semântica e da geografia lingüística, segundo Vittorio Bertoldi. O nome, porém, é criação do romanista austríaco Adolf Zauner (1870-1943) em *Die romanischen Namen der Körperteile* ("Os nomes românicos das partes do corpo"). Os estudos onomasiológicos se multiplicaram depois da publicação dos *Atlas Lingüísticos*, aproximando-se do método *Wörter und Sachen*, com o qual têm pontos de contato. Com isso, a pesquisa léxica não se restringiu à fonética ou à semântica; tornou-se uma verdadeira biografia da palavra. Um exemplo dessa tendência é o *Französisches Etymologisches Wörterbuch* (FEW) do romanista suíço Walter von Wartburg (1888-1971), em que tenta mostrar influências e cruzamentos semânticos e formais entre os vocábulos no curso da história, sua vitalidade, extensão, etc. Estudando a influência dos povos germânicos sobre o latim vulgar e as diversas variedades de romances, o autor criou o termo "superstrato", análogo ao "substrato" de Ascoli. E o romanista holandês Marius Valkhoff (\*1905) propôs "adstrato" para designar as influências entre duas línguas justapostas ou superpostas, termo mais aceito que seu sinônimo "parastrato".

Em outros movimentos, correntes e teorias relativas à linguagem, que surgiram no fim do século passado e início deste, como a Teoria das Ondas, de Johannes Schmidt (1843-1901), e a Escola Idealista e Estética de Karl Vossler (1872-1949), não se faz distinção entre filologia e lingüística. Como "estudo científico da linguagem", a lingüística tomou grande impulso depois de Ferdinand de Saussure (1857-1913), considerado o pai da lingüística moderna.

Levando em conta a posição de destaque de Saussure e a grande aceitação que teve sua teoria lingüística, convém analisar com mais detalhe o que diz sobre o conceito de Filologia, em *Cours de Linguistique Générale*, obra póstuma, publicada por dois discípulos seus - Charles Bally (1865-1947) e Alberto Sechehaye (1870-1946) - em 1916, com base em anotações em aulas. Aí Saussure estabelece as seguintes fases do estudo da linguagem:

A primeira fase é assim caracterizada:

"Grammaire, inaugurée par le grecs, continuée principalement par les français - fondée sur la logique et dépourvue de toute vie scientifique et désintéressée sur la langue elle-même."

"Gramática, inaugurada pelos gregos, continuada sobretudo pelos franceses - fundada sobre a lógica e desprovida de qualquer vida científica e desinteressada da própria língua."

Não parecem justas essas afirmações; basta considerar o caráter não normativo da Gramática de Dionísio Trácio, a primeira a surgir no Ocidente. Também não se pode ignorar totalmente a tradição gramatical latina, embora sua contribuição não seja altamente considerável; dizer que os franceses foram os principais continuadores dos gregos é desconhecer a escola irlandesa dos séc. V-VII, além das escolas árabes de Kufah e Bassora, por exemplo. É também, no mínimo, um exagero negar aos estudos gramaticais e lingüísticos dos gregos todo caráter científico.

A fase seguinte é a filológica:

"Ensuite parut la philologie. Il existait déjà à Alexandrie une école "philologique", mais ce terme est surtout attaché au mouvement scientifique créé par Friedrich August Wolf à partir de 1777 et qui poursuit sous nos yeux."

"Em seguida apareceu a filologia. Em Alexandria já existia uma escola "filológica"; esse termo, porém, está ligado sobretudo ao movimento científico criado por Friedrich August Wolf a partir de 1777 e que continua sob nossos olhos."

Sobre a escola filológica de Alexandria já se falou aqui com referências a nomes, obras e métodos de trabalho. Quanto à filologia moderna, Saussure a liga sobretudo ao movimento iniciado pela posição tomada por Friedrich August Wolf (1759-1824): ao matricular-se na Universidade de Götting, Wolf conseguiu fazê-lo como "studiosus philologiae" e não "theologiae", como era costume. Queria a independência da filologia. Como professor da Universidade de Halle, criou um novo método de interpretação dos clássicos e sua obra *Prolegomena ad Homerum* (Halle, 1795) abalou os meios humanistas da época; exigia maior rigor científico na interpretação dos clássicos. Com *Darstellung der Altertumswissenschaft nach Begriff, Umfang, Zweck und Wert* ("Apresentação da Ciência da Antiguidade segundo Conceito, Abrangência, Finalidade e Valor"), Wolf deu início à publicação da revista *Museum der Altertumswissenschaft* ("Museu da Ciência da Antiguidade"), em 1807; dedicada a Goethe, a *Darstellung* é considerada o manifesto da nova filologia clássica, ainda viva no início deste nosso século, segundo testemunho de Saussure.

A terceira fase, segundo Saussure:

" 'Philologie comparative' ou 'grammaire comparée'. Commencement para l'orientaliste anglais W. Jones (+1794). En 1816, Franz Bopp (*Système de la conjugaison du Sanscrit*) étudie les rapports qui unissent le sanscrit avec le germanique, le grec, le latin etc." (Cours, pág. 13-15)

" 'Filologia comparativa' ou 'gramática comparada'. O começo é do orientalista inglês W. Jones falecido em 1794. Franz Bopp (*Sistema da Conjugação do Sânscrito*) estuda as relações que unem o sânscrito com o germânico, o grego, o latim, etc."

Saussure refere-se à descoberta do sânscrito e ao papel de W. Jones e ao trabalho de Bopp. Deve-se notar, porém, que "gramática comparada" é uma expressão comumente atribuída a F. Schlegel; não existe, entretanto, nenhuma obra dentro do comparatismo intitulada "filologia comparada".

Os enunciados de Saussure traduzem mais uma vez a polissemia dos termos "filologia" e "gramática", tanto que ele mesmo sente a necessidade de definir melhor o objeto da filologia:

"La langue n'est pas l'unique objet de la philologie, qui veut avant tout fixer, interpreter, commenter les textes; cette première étude amène à s'occuper aussi de l'histoire littéraire, des moeurs, des institutions etc; partout elle use de sa méthode propre, qui est la critique. Si elle aborde les questions linguistiques, c'est surtout pour comparer des textes de différentes époques, déterminer la langue particulière à chaque auteur, déchiffrer et expliquer des inscriptions dans une langue archaïque et obscure." (Cours, pág. 13-14)

"A língua não é o único objeto da filologia, que pretende, antes de tudo, fixar, interpretar e comentar os textos; esse primeiro estudo faz com que se ocupe também com a história literária, costumes, instituições etc.; em toda parte ela usa seu método próprio, que é a crítica. Se aborda as questões lingüísticas, é especialmente para comparar textos de épocas diferentes, determinar a língua particular de cada autor, decifrar e explicar inscrições numa língua arcaica e obscura."

Para Saussure, portanto, a filologia é a ciência que estuda textos e tudo quanto for necessário para tornar esses textos acessíveis: a língua utilizada e todo o universo cultural que essa língua representa; isso implica o conhecimento de uma série considerável de outras ciências, como história, geografia, epigrafia, paleografia, hermenêutica, exegese, edótica, literatura etc. Daí, o filólogo "deve avere un'erudizione molto vasta", resume Carlo Tagliavini. Esse enfoque evoca as figuras de Eratóstenes, Longino e Ateius, que tinham o mesmo conceito de filologia; a diferença entre um filólogo clássico e um moderno está nos meios e no instrumental técnico à disposição do moderno, além da ampliação enorme dos campos do conhecimento que os séculos foram operando. Hoje é praticamente impossível alguém dominar todos os ramos do conhecimento. Mudaram-se, portanto, as condições gerais, a humanidade progrediu cada vez mais rapidamente até chegar ao avanço vertiginoso atual da ciência. Nessa perspectiva, o que Saussure considera filologia se afigura como algo lógico, e não quebra o conteúdo semântico do termo, transmitido pela biografia do termo.

Uma pesquisa a respeito das definições de "filologia" em autores renomados mostra que o termo continua polissêmico. Se cada autor dá sua definição, como verificou Emilio M. Martínez em seu *Diccionario Gramatical*, s.v., é porque, segundo Ernesto Renan:

"La philologie est, de toutes le branches de la connaissance humaine, celle dont il est le plus difficile de saisir le but et l'unité."

"A filologia é, dentre todos os ramos do conhecimento humano, aquele do qual é mais difícil depreender a finalidade e a unidade."

Dentro dessa imprecisão de finalidade e abrangência, que procede dos próprios criadores do termo, as definições são formuladas segundo a perspectiva da especialidade de cada um. E assim Schlegel, em 1818, define filologia como "estudo geral das línguas", o que parece mais uma definição de lingüística. Heinrich Lausberg a define como "estudo de todos os 'discursos' que os homens pronunciam ou pronunciaram". Caracterização inadequada justamente pela imprecisão de finalidade e abrangência. Também inadequada, por diminuição indevida da abrangência, é a definição apresentada por Joaquim Mattoso Câmara Jr.: "Filologia é o estudo da língua na literatura.". Dentre as numerosas definições encontradas, duas se destacam pela adequação: a primeira é a do filólogo e arqueólogo alemão August Boeckh (1785-1867):

"Philologie ist die Erkenntnis des Erkannten."

"Filologia é o conhecimento do conhecido."

Semelhante em seu conteúdo significativo, mas em outros termos é a de Ernest Renan:

"La philologie (...) est l'science des produits de l'esprit humain."

"A filologia (...) é a ciência dos produtos do espírito humano."

Em conclusão, a biografia do termo "filólogo" pode ser dividida nas seguintes fases:

1 - As primeiras ocorrências nos textos gregos dos séc. V e IV a.C. apresentam a acepção etimológica de "amigo da palavra", isto é, aquele que gosta de falar ou de ouvir a palavra. Um ou outro texto sugere a conotação de "tagarela", como Ateneu, em 38b; a grande maioria, porém, dá ao termo o significado de "estudioso", "que gosta de aprender", como em Plutarco (Cato Maior, 22,2) e



Cícero (*Ad Atticum*, I, 17) , ou de "culto", "sábio", "refinado", como estágio subsequente de quem aprendeu através da palavra, como em Aristóteles (*Retórica*, 1398b) e Cícero (*Ad Atticum*, XIII, 12, 3).

2 - Com Eratóstenes de Cirene (275-194 a.C.), filólogo é sinônimo de sábio, pessoa de vasta cultura e conhecimentos em todos os ramos, expressos em muitos livros. Trata-se de uma espécie de título, posteriormente atribuído também a Ateius e Longino. Esses filólogos estão sempre relacionados com a palavra -escrita ou falada ou ouvida - em geral. De fato, é uma especialização semântica do vocábulo, mas que coexiste com o significado etimológico e suas derivações polissêmicas mais imediatas. Nessas acepções o termo é encontrado em textos até ao século VI, quando se torna raro até praticamente desaparecer.

3 - Com os primeiros indícios do Renascimento, na segunda metade do séc. XIV, volta-se a estudar novamente os clássicos na Itália e depois em toda a Europa. Reaparecem os filólogos, como os Escalígeros, Saumaise, Casaubon, Wolf, entre tantos outros nomes conhecidos, que estudam, comentam e editam os clássicos latinos e gregos. Com isso se fixa o conceito moderno, em sentido estrito, de filologia como a ciência do significado dos textos; e em sentido mais amplo, como a pesquisa científica do desenvolvimento e das características de um povo ou de uma cultura com base em sua língua ou em sua literatura.

## BIBLIOGRAFIA

AMADOR, Emilio M. Martínez. *Diccionario gramatical*. Barcelona: Ramón Sapena, 1954.

CÂMARA, Joaquim Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática*. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1970, 4ª. ed. rev. e aum.

CORTE, Francesco della. *Dizionario degli scrittori greci e latini*. Milano: Marzorati Editore, 1988, 3 vols.

HAASE, Wolfgang. *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*. Berlin-New York: Walter de Gruyter, 1983, vol 29.1 a 32.5 (*Literatur und Sprache*).

MEILLET, Antoine *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: C. Klincksieck, 1951.

MOUNIN, Georges. *Historia de la linguística*. (Versión española de Felisa Marcos) Madrid: Gredos, 1971.

PAUL, Hermann. *Princípios Fundamentais da História da Língua*. (Trad. de Maria Luisa Schemann), Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1970.

RENAN, Ernest. *L'avenir de la science*. Paris: Calmann-Lévy Éditeurs, 1849.

RIBEIRO, João. *Rudimentos de Filologia Românica*. Rio de Janeiro: J. Ozon, [s/d].

ROHLFS, Gerhard. *Romanische Philologie*. Heidelberg: Carl Winters, 1952, 2 Bände.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. (Publié par Charles Bally et Albert Sechehaye) Paris: Payot Éditeur, 1972.

SILVA NETO, Serafim da. *Manual de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957, 2ª. ed.

TAGLIAVINI, Carlo. *Le origini delle lingue neolatine*. Bologna: C. Patron Edit., 1972, 6ª. ed.

VASCONCELOS, Carolina Michaëllis de. *Lições de filologia Portuguesa (Seguidas das Lições Práticas de Português Arcaico)*. Lisboa: Dinalivro, s/d.

VIDOS, Benedek Elemér *Manual de Linguística Românica*. (Trad. de José Pereira da Silva.) Rio de Janeiro: Eduerj. 1996.

WARTBURG, Walther von. *Einführung in Problematik und Methodik der Sprachwissenschaft*. Halle, 1943.

Os textos dos autores gregos e latinos, transcritos no decurso deste trabalho, foram retirados das edições críticas de The LOEB Classical Library, Harvard University Press, ou de Belles Lettres, Paris, ou de B.G. Teubner, Stuttgart